

PERCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA FRANCA EM SERTANÓPOLIS.

TEACHERS' PERCEPTIONS OF THE TEACHING OF ENGLISH AS A LINGUA FRANCA IN SERTANÓPOLIS

Diego **BALZANELLO**¹

Fábio Henrique Rosa **SENEFONTE**²

Resumo: Levando em consideração a representatividade que a língua inglesa (LI) ocupa no cenário global, bem como sua posição enquanto Língua Franca (LF), a presente pesquisa objetivou investigar as percepções de professores sobre o ensino de LI como LF além de conhecer os argumentos de professores sobre tal temática nos níveis de Ensino Fundamental e Médio no município de Sertanópolis. Nesse viés, a literatura que dá suporte a este estudo inclui: Crystal (2003,1996), Gimenez (2000), Jenkins (2000, 2007), Rajagapolan (2004), Reis (2015), Warschauer (2000) e outros. Esta é uma pesquisa qualitativa e os instrumentos de geração de dados foram um questionário com perguntas abertas, bem como uma entrevista semiestruturada, gravada em áudio. Os resultados da pesquisa demonstraram que há uma lacuna no que concerne ao conhecimento e ensino de LF levando em consideração sua definição e relevância nos dias de hoje. Sendo assim, há muito que ser investigado para o enriquecimento da literatura na área.

Palavras-chave: Inglês como língua franca. Percepção de professores. Rede pública de ensino.

Abstract: Taking into consideration the representativeness that English has in the global scenario as well as its position as a Lingua Franca (LF). This paper aimed at investigating teachers' perceptions about the teaching of English as a Lingua Franca as well as their knowledge about it at elementary and high school levels in Sertanópolis. Thus, the literature which supports to this paper, includes: Crystal (2003,1996); Gimenez (2000); Jenkins (2000,2007); Rajagapolan (2004); Reis (2015) Warschauer (2000) and others. This is a qualitative research and for the data generation, a questionnaire with open-ended questions as well as a semi structured interview, recorded in audio were employed. The findings show that there is a gap about the knowledge of LF and its teaching, its definition and relevance nowadays. Therefore, there is so much to be investigated for enrichment of the literature

Keywords: English as a lingua franca. Teachers' perceptions. Public education.

Introdução

A Língua Inglesa (doravante LI) tem alcançado um grande número de falantes ao redor do mundo devido ao acesso de muitos à tecnologia. Além disso, a exigência do mercado de traba-

¹ Graduando em Letras Português-Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP-CP). E-mail: diegobal52@hotmail.com

² Doutorando em Estudos da Linguagem (UEL) e professor assistente na área de Língua Inglesa na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP-CP). E-mail: capmont@hotmail.com

lho tem estabelecido a referida língua como um pré-requisito para seus funcionários, devido às negociações internacionais, à importação e exportação de produtos e às questões culturais que fazem com que o inglês transpasse as fronteiras geográficas e seja disseminado mundo afora. Dessa forma, percebe-se não só a grande relevância e força exercida pela LI mundialmente, mas também sua notória disseminação pelo mundo, uma vez que as estimativas indicam que há três falantes não nativos de inglês utilizando a LI em suas comunicações para um falante nativo, como apontado por Crystal (2003).

Diante de tal constatação, tivemos o interesse em desenvolver esta pesquisa com a temática em torno de percepções de professores sobre o ensino de LI como Língua Franca (LF), na rede pública, no município de Sertanópolis. Outra justificativa para a realização deste estudo pauta-se em um possível enriquecimento da literatura, uma vez que tal temática tem sido escassamente investigada.

Desse modo, para o desenvolvimento deste estudo, procuramos responder os seguintes questionamentos: Que percepções os professores da rede estadual possuem sobre Inglês como Língua Franca? Que papel a Língua Inglesa desempenha no contexto educacional em Sertanópolis? Em diálogo com tais perguntas de pesquisa, o objetivo deste estudo foi investigar percepções de professores do Ensino Fundamental e Médio, além de conhecer os argumentos que embasam suas percepções a respeito de LF.

A fim de responder às perguntas de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, utilizamos questionários e entrevistas com os participantes deste estudo; e os resultados revelam que há uma lacuna no que tange ao conhecimento que os participantes possuem sobre LF e seu ensino no contexto da rede pública de ensino.

Diante do exposto, este artigo estrutura-se na seguinte ordem: uma seção teórica, que traz o conceito, causas e consequências do estatuto de língua franca, além de trazer uma atualizada revisão bibliográfica sobre essa temática. Em seguida, uma seção metodológica contendo a natureza, contexto e participantes e método de análise da pesquisa. Na sequência, apresentamos a análise dos dados e, por fim, considerações finais deste estudo são apresentadas.

Língua franca e ensino

Nos dias de hoje, a LI tem assumido um papel muito importante na comunicação global, indivíduos ao redor do globo têm se apropriado desse idioma para se comunicarem uns com os outros, não a considerando enquanto língua materna. Segundo Crystal (2003), há uma média de três falantes não-nativos utilizando a LI para um falante nativo ao redor do mundo. Isso significa

que há muito mais pessoas que não são falantes nativos utilizando a LI em diferentes contextos do que os próprios nativos.

Um termo utilizado para descrever o uso do inglês por indivíduos não-nativos é o termo Língua Franca, que tem por definição:

Um sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas, ou uma língua pela qual os membros de diferentes comunidades de fala podem se comunicar entre si, mas que não é a língua materna de nenhum deles- uma língua que não tem falantes nativos (GIMENEZ; CALVO; EL KADRI, 2011, p. 7).

Em complemento, considerando a afirmação de Jenkins (2000, 2007), LF é usada por falantes que não compartilham a mesma língua materna e a usam como segunda língua, sendo sua composição plurilinguística e de natureza híbrida.

Um dos fatores que leva a LI a atingir um patamar de língua global e de língua franca no mundo se deve ao fato de os Estados Unidos serem uma das maiores potências econômicas e bélicas no mundo. De acordo com Pederson (2011), a LI tem sido prevalente mundo afora desde a era industrial na Inglaterra, entre os séculos XVIII e XIX, e a expansão de suas colônias ao redor do mundo; e depois da influência dos Estados Unidos, após sua vitória na Segunda Guerra Mundial. Crystal (1996) corrobora que nenhuma língua alcança o *status* de língua internacional por causa de sua literatura, ou estrutura intrínseca e sua cultura. A única razão para uma língua assumir tal posição é o poder político atrelado ao poder militar que está associado a ela.

Além do poderio americano pós-guerra e econômico, os Estados Unidos também começam a disseminar a cultura norte-americana pelo mundo, por meio do crescimento da indústria cinematográfica, conhecido como “hollywodização”, sendo Hollywood, um distrito da cidade de Los Angeles, Califórnia, um dos principais lugares para a produção cinematográfica de maior relevância no século XX. Desta forma, muitos ao redor do mundo foram e têm sido impactados pela cultura estadunidense, por meio de filmes e séries, multinacionais de refrigerantes, redes de restaurantes *fast-food*, grifes de roupas e calçados entre muitos outros.

Para interagir com essa cultura dominante, foi necessário o mundo aprender inglês para a interação e para conseguir melhores oportunidades de vida, assim como obter acesso a informações sem antes mesmo estarem traduzidas em seus idiomas locais, considerando que setenta por cento das publicações científicas nos dias de hoje são escritas em LI. De acordo com Kachuru (1985, 1990, 1992), o inglês é como a lâmpada do Aladin para quem o domina, sendo assim, essas pessoas conseguem lugares no mercado de trabalho, acesso à tecnologia e interação com diversas culturas.

Por tais motivos (e outros), a LI acabou tornando-se uma língua mediadora entre outras línguas maternas e a língua do saber. Sendo assim, muitos métodos/abordagens foram desenvolvidos com o intuito de se ensinar a LI ao redor do mundo, muitas editoras de livros didáticos desenvolveram materiais com abordagens específicas para o ensino de LI. Além do mais, o ensino de LI foi incorporado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN) (BRASIL, 1998), como também em outros países.

A LI, durante muitos anos e até mesmo atualmente, tem sido ensinada como Língua Estrangeira (LE), visando a ensinar os modelos linguísticos e culturais das culturas-nativas (Estados Unidos e Grã-Bretanha, em especial), entendendo-os como as únicas variedades ‘corretas’ da língua inglesa. Sendo assim, a cultura e identidade linguística de falantes não-nativos eram tidas como ‘erradas’ e acabavam sendo estigmatizadas por não atenderem ao padrão do falante nativo. Por meio dessa questão vigente em relação ao ensino de LI, autores, como Siqueira (2001), trazem problematização de como ensinar LI em regiões onde não há falantes da língua, como o desafio de se ensinar um idioma desterritorializado, levando em conta que há muito mais falantes de LI não-nativos do que nativos, e que esses têm exercido uma grande influência sobre a língua, agregando suas identidades linguísticas e culturais ao utilizarem o idioma, tanto na oralidade quanto na escrita. Por esse motivo, pesquisas contemporâneas dentro de tal temática preconizam que a língua não deve ser ensinada somente para atender as culturas-alvo, mas para possibilitar que o aprendiz seja um cidadão global, capaz de se se posicionar no mundo como um sujeito ativo e crítico, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de sua comunidade local e global.

Além das questões conceituais tratadas nos parágrafos anteriores, esta seção teórica também traz um levantamento bibliográfico acerca da língua franca no contexto educacional, mais especificamente, centralizando o professor e suas percepções a respeito da temática. Sendo assim, utilizamos o seguinte termo de busca: “Percepções de professores sobre Língua Franca no Brasil” em quatro bancos de dados diferentes: Periódicos da CAPES³, banco de dissertações e teses da CAPES, Google e Google Acadêmico⁴. Dessa forma, 7 pesquisas foram obtidas pelo Google e Google Acadêmico. Já nos periódicos da CAPES, numa busca com 123 resultados, nenhuma apresentou relevância e/ou proximidade com a temática de nossa pesquisa. O mesmo ocorreu com a o banco de teses e dissertações. Os resultados encontram-se compilados no quadro 1, como se pode observar:

Quadro 1 – Pesquisas em âmbito nacional

³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁴ Foram checadas as 100 primeiras referências.

Referência	Foco da Pesquisa	Contexto de Pesquisa
Barbosa (2006)	Identidade profissional de professores.	Bahia
El Kadri (2010)	Atitudes sobre o estatuto do inglês como língua franca em um curso de formação inicial de professores	Paraná
Kalva e Ferreira (2012)	Formação de professores.	Paraná
Kalva (2012)	Negociações no processo de ensino e aprendizagem de inglês.	Paraná
Oliveira e Lago (2015)	Formação de professores de língua inglesa	Goiás
Santos (2011)	Análise da Língua Inglesa no contexto educacional atual.	Sergipe
Viégas (2012)	Papel do falante nativo nos cursos de Idiomas em Porto alegre.	Rio Grande do Sul

Fonte: os autores

De acordo com os resultados obtidos, pudemos constatar que alguns autores já começaram a investigar a questão sobre ILF no que concerne à percepção e formação de professores e ensino-aprendizagem no contexto supramencionado.

Barbosa (2006) gerou subsídios para programas de capacitação em LI, em especial no que tange à identidade profissional de um grupo de professores do ensino superior, com cursos para se ensinar inglês, além de outros cursos de idiomas para diferentes faixas etárias.

Já El Kadri (2010) aborda a importância de os professores aprenderem novas variedades linguísticas, embora os resultados ainda indiquem a ideia do modelo nativo ser importante, sendo tal fato também apresentado por Viégas (2012), mesmo sendo este em um contexto de curso de idiomas.

Kalva; Ferreira (2012) e Kalva (2012) também corroboram o fato de a LF preservar a identidade local sem que o falante seja marcado por uma ‘falta’ de conhecimento, implicando não só na potencialidade da LI, mas também na preservação da identidade local no que diz respeito ao ensino e aprendizagem.

Já Oliveira e Lago (2015) trazem resultados que apresentam uma ausência de uma boa política para um curso de línguas para o alcance dos professores de línguas estrangeiras. Assim como Santos (2011), que traz a questão que a LI exerce uma função na educação formando cidadãos críticos e reflexivos aumentando, assim, suas capacidades discursivas e inclusivas diante de nossa atual sociedade.

Diante do exposto, compreendemos que há uma carência de informação e entendimento por parte dos professores sobre LF e também a necessidade de formação na área para uma compreensão mais acurada. Além do mais, há uma lacuna no que se refere ao ensino-aprendizagem no contexto da rede pública, evidenciando um paradoxo entre a importância de se ensinar a língua e a realidade do ensino na rede pública.

Após expostos os pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa, passemos para a próxima seção, que aborda os percursos metodológicos adotados neste estudo.

Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa é qualitativa, de base interpretativista, cuja unidade de análise é a percepção dos participantes entrevistados (REIS, 2015). Sendo assim, a natureza qualitativa possui a preocupação de compreender as ações de indivíduos no que concerne ao seu modo de pensar, agir ou dizer, uma vez que busca interpretar fenômenos particulares desses indivíduos (no caso desta pesquisa), professores e suas percepções sobre o ensino de Inglês como Língua Franca no município de Sertãoópolis).

Para realizar esta pesquisa e selecionar as participantes⁵, o critério que utilizamos foi, em primeira instância, selecionar todas as escolas do município de Sertãoópolis que ofertassem Ensino Fundamental e Médio (contexto desta pesquisa). Em segundo lugar, pesquisar todos os docentes de língua inglesa atuantes em tais estabelecimentos.

Dessa forma, a pesquisa foi realizada mediante um questionário e uma entrevista com as quatro professoras das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio nas duas únicas escolas públicas do município de Sertãoópolis na região norte do estado do Paraná, sul do Brasil; sendo que uma destina-se às séries finais do Ensino Fundamental somente e outra, ao Ensino Médio.

Assim, o primeiro contato com as escolas ocorreu para expor nossas intenções de pesquisa, explicar sobre o questionário (apêndice C), que tinha por finalidade buscar informações acadêmicas e profissionais das participantes; e para as assinaturas dos TCLE⁶ (apêndice A). Sobre esse último, ressaltamos a adoção desse documento devido à preocupação ética com os participantes deste estudo. Dessa forma, outorgamos às professoras o direito de preservação de suas

⁵ A pesquisa foi realizada somente com participantes do sexo feminino, uma vez que eram as únicas professoras dentro do contexto escolhido para esta investigação.

⁶ Termo de Consentimento livre e esclarecido.

identidades (anonimato), de retirada de consentimento a qualquer hora, entre outras prerrogativas.

Para a geração de dados para a entrevista, baseamo-nos em uma entrevista semiestruturada com oito perguntas (apêndice B), gravada em áudio e transcrita posteriormente (apêndice D). O teor da entrevista centra-se nas percepções de professores da rede pública sobre Inglês como Língua Franca (doravante ILF): as três primeiras perguntas investigam o conhecimento que as professoras tinham sobre a LI e seu papel no contexto educacional, já as outras cinco referem-se à percepção de LF e suas implicações no ensino no contexto educacional sertanopolense.

Para o desenvolvimento das transcrições de uma maneira mais completa, procuramos nos valer de algumas convenções⁷ para uma descrição mais detalhada das entrevistas como 1) a numeração de linhas da entrevista; 2) cabeçalho indicando o tipo de instrumento, a escola, a data, o início e o término da entrevista; 3) [00:00] para marcação do tempo para cada turno de fala, 3) (xxx) para trechos não compreendidos; 4) *Itálico*: palavras em língua estrangeira; 5) reticências (...): pausas; 6) L. para indicar a linha nas citações durante o processo de análise de dados.

Por motivos éticos, a fim de preservar os nomes das instituições de ensino e dos participantes envolvidos, optamos por referenciar cada instituição por uma denominação genérica: Escola Estadual “A” e “B”. Tomamos a mesma medida com as participantes, que receberam os pseudônimos: Rosa, Lili, Hortência e Yasmim (em acordo com as cláusulas do TCLE).

Rosa leciona na escola A, enquanto Lili leciona em ambas as escolas e Hortência e Yasmim lecionam na escola B somente.

Hortência é licenciada em Letras, língua inglesa e respectivas literaturas. Possui título de especialista, tendo escrito sua monografia com a temática “Democratização na escola”, já com 20 anos de docência, atuando nas séries de Ensino Médio da escola “B”. Apresentou uma grande confiança e tranquilidade em responder as perguntas no decorrer da entrevista.

Rosa é formada em Letras, língua inglesa e portuguesa e respectivas literaturas, exerce a profissão de docente há 15 anos na escola “A” para as séries de sétimo, oitavo e nono anos, tendo escrito sua monografia de pós-graduação *latu sensu* em Gestão Escolar. No início da entrevista, apresentava certa apreensão, mas ao longo da entrevista foi ganhando confiança e maior autonomia que permaneceu até o final.

Lili é licenciada em Letras, língua portuguesa e inglesa e respectivas literaturas. Possui título de especialista, tendo escrito sua monografia com a temática “Motivação nas aulas de LI” e seu trabalho de conclusão de curso (doravante TCC) em literatura gótica. Lili já exerce a docência há 15 anos, atuando nas séries finais do Ensino Fundamental (6º e 7º anos) e no Ensino Médio

⁷ Também adotadas por Coradim (2008), Reis (2005), Senefonte (2014) entre outros.

nas escolas “A” e “B”. Apresentou confiança e um bom-humor no decorrer da entrevista se sentindo bem à vontade até o fim.

Yasmim é licenciada e recém-formada em Letras, língua inglesa e portuguesa e respectivas literaturas. Desenvolveu seu TCC sob a temática “Professor-Pesquisador na Universidade (UENP) (Universidade Estadual do Norte do Paraná) na área de língua inglesa.” Apesar de ser recém-formada em Letras, Yasmim exerce sua docência há 4 anos como professora de língua inglesa nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, Educação Infantil, EJA (Educação de Jovens e Adultos) e no Ensino Médio, atuando na escola “B” até a data da entrevista. Apresentou certo nervosismo no início da entrevista, no entanto, ganhou mais tranquilidade e até demonstrou certa confiança em suas respostas no decorrer da entrevista.

Com isso em mente, antes de começarmos as entrevistas, realizamos o piloto com uma profissional da área de língua inglesa. Após os reajustes, pudemos então, iniciar as entrevistas, conforme podemos observar no cronograma a seguir:

Quadro 2- Cronograma de geração de dados

Professor	Data da Entrevista	Data do Questionário	Duração de Entrevista
Lili	06/11/2015	06/11/2015	07m25s
Hortência	06/11/2015	06/11/2015	06m52s
Rosa	04/11/2015	04/11/2015	05m48s
Yasmim	11/11/2015	11/11/2015	04m06s

Fonte: os autores (com base em Senefonte, 2014).

Após transcritos os dados, iniciamos a análise, adotando o Método da Análise de Conteúdo (AC), em que os dados são agrupados em categorias analíticas, que dialogam entre si, formando um elo que explica o fenômeno analisado (SENEFONTE, 2014). Para El Kadri (2010 *apud* BARDIN, 1977, p.37):

Esta técnica consiste em classificar os diferentes elementos nestas diversas gavetas segundo critérios suscetíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir uma certa ordem na confusão inicial. É evidente que tudo depende, no momento da escolha dos critérios de classificação, daquilo que se procura ou que se espera procurar.

A AC tem como finalidade a contribuição que os dados poderão ensinar após serem tratados, não residindo numa simples descrição de dados, mas sim num entendimento de conceitos teóricos trazidos à tona durante a análise.

Expostos os dados metodológicos, a próxima seção abarca a análise dos dados gerados.

Análise de dados

Nesta seção, abarcamos o tratamento dos dados por meio da Análise de Conteúdo (AC), conforme já explicitado anteriormente. Também, ressaltamos que a geração de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio e transcritas posteriormente, em outras palavras, as percepções dos participantes foram capturadas por meio de entrevistas, as quais serão objetos de análise desta pesquisa. Pudemos analisar a percepção das quatro docentes, sendo que as quatro obtiveram duas dimensões que cobrem tais percepções: *Conhecimento e utilidade de LI e Língua Franca e Ensino*. Dentro de tais dimensões, três entrevistadas apresentaram 4 categorias analíticas, e uma professora, 5 categorias, conforme veremos no quadro 3.

Enfatizamos aqui que não focalizaremos toda a transcrição, apenas o que diz respeito ao conhecimento e utilidade de LI e LF e Ensino, que é o foco desta pesquisa.

Desse modo, apresentamos as dimensões e categorias de cada uma das entrevistadas considerando suas percepções:

Quadro 3 – Percepções das professoras

Professoras	Conhecimento e utilidade em LI	Língua Franca e ensino
Rosa	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação <i>(carência de conhecimento)</i> L.14 	<ul style="list-style-type: none"> Definição L.31-37 Limitação/dificuldade <i>(metodológica)</i> L.40-45 e 54-57 e <i>(conhecimento)</i> L. 38-39 Vantagens/Importância <i>(comunicação integral em LI)</i> L.49-51 Fonte de conhecimento <i>(meio virtual)</i>L. 27
Hortência	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação <i>(por nivelamento)</i> L.76 e 79 	<ul style="list-style-type: none"> Definição <i>(Língua como meio de comunicação pra fins comerciais)</i> L. 287. Ausência de desvantagem L.145-147 Vantagens/Importância <i>(profissional)</i> L.293-294 <i>(empregabilidade)</i>L.278-279; L299-

		<p>300</p> <ul style="list-style-type: none"> • Limitação/dificuldade (<i>desmotivação</i>) L.302-304 • Fonte de conhecimento (<i>acadêmico</i>) L.284
Lili	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação (<i>por nivelamento</i>) L.76 e 79 	<ul style="list-style-type: none"> • Vantagens/ Importância (<i>comunicativa internacional</i>) L.207-211 (<i>pragmático</i>) L.219-220, L.181-183 (<i>cognitivo</i>) L.183-185 • Definição (<i>língua para comunicação internacional</i>) L.196-197. • Limitação/dificuldade (<i>hiato entre o que a língua ensinada em sala de aula e a língua falada</i>) L.236-240 (<i>rotatividade de professores</i>)L.248-251 <p>Fonte de conhecimento (<i>material didático</i>)L.191-192</p>
Yasmim	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação (<i>por nivelamento</i>) L.272. 	<ul style="list-style-type: none"> • Definição (<i>Língua como meio de comunicação pra fins comerciais</i>) L. 287 • Vantagens/Importância (<i>profissional</i>) L.293-294 (<i>empregabilidade</i>)L.278-279; L.299-300 • Limitação/dificuldade (<i>desmotivação</i>) L.302-304 • Fonte de conhecimento (<i>acadêmico</i>) L.284

Fonte: os autores

Para compreendermos um pouco mais de como se estabelece as dimensões e as categorias citadas, analisemos as categorias presentes em cada uma das docentes iniciando com a categoria *avaliação de conhecimento*: Rosa, em sua percepção de avaliação, apresenta a carência de conhecimento relacionado ao seu nível de fluência em LI, “Poderia ser melhor” (L.14).

Já Lili, concebe sua avaliação pela carência de conhecimento da parte oral: “Olha, hoje eu sinto que eu preciso voltar pra conversação porque eu to com muito sexto ano, mais eu fiz o TOEFL, eu tenho fluência, mas eu pre(xxx) pretendo pra não perder mesmo.” (L. 174-176). No

que tange à avaliação (por nivelamento), Hortência e Yasmim possuem o mesmo tipo de avaliação:

A minha fluência na língua, eu acredito que ela seja intermediária pro avançado. Que é assim, a parte oral, na escola pública a gente, assim, fica um pouco difícil, se (...) assim, se habituar com ela e tentar trabalhar com os alunos. É um pouco complicado, mas eu consigo assim, vou considerar o avançado. (Hortência, L.66-70).

As categorias: *definição, limitação/dificuldade, vantagens/ importância, fonte de conhecimento e ausência de desvantagem* serão esclarecidas a seguir. No que condiz à categoria de *definição de língua franca*, Rosa afirma:

(...) ter o inglês como uma língua franca é (...) materna, tentar usar o inglês, né? No nosso dia-a-dia, mas assim que eu acho que no nosso contexto não seria possível hoje entendeu? mas assim, eu acho que o inglês como Língua Franca, uma língua materna é tudo de bom, né? Pena que a gente não possa explorar isso aqui agora. (L.31-37)

Para Rosa, a definição de LF está associada ao usar a LI como língua materna, seguindo a definição de LE, em que o modelo do falante nativo é idealizado, como a variedade linguística de americanos e britânicos, cujas nações são grandes potências econômicas mundialmente (GRADDOL, 2006). Dessa forma, entende-se que há um grande equívoco em tal afirmação, porque de acordo com Jenkins (2000, 2007), LF (Língua Franca) é usada por falantes que não compartilham a mesma língua materna e a usam como segunda língua, sendo que sua composição é plurilinguística e sua natureza é híbrida (conforme evidenciamos na seção teórica).

Já Hortência e Yasmim definem LF como uma língua de comunicação para fins comerciais: “O inglês como Língua Fran(xxx) Franca é língua utilizada pra as negociações em relação a questão da globalização, porque dentro da (...)” (Hortência. L.114-115). De acordo com as afirmações de Hortência e Yasmim, ILF se define em uma língua comercial utilizada para fins comerciais num mundo globalizado, sendo assim, elucidamos as afirmações de Rubdy e Saraceni (2006) e Rajagapolan (2004) que relatam que a LI tornou-se hegemônica mundialmente, com o papel de língua de comunicação internacional, nas transações comerciais, esportes, ciências e entre outras.

Lili vale-se da ideia de LF como língua internacional: “Exatamente isso, posso ir pra, vamos ver um país (xxx) Japão, China, qualquer lugar, se eu não souber falar o japonês, eu (xxx) me comunicaria em inglês.” (L.196-197). Diante de tal afirmação, ilustramos esta análise com a afirmação de Siqueira (2011), que considera que uma língua para se tornar uma língua internacional não deve estar somente associada ao número de falantes e sim, à extensão em que ela é falada, ou

seja, a extensão do uso de LI vai muito mais além do que os países onde a LI é falada como primeira língua.

Na categoria de *limitação/ dificuldade*, Rosa e Hortência afirmaram a existência de limitações metodológicas e de conhecimento:

Assim, eu não posso praticar isso aqui. Às vezes sim, uma palavrinha ou outra, mastigar e falar que eu vou falar fluente com os alunos, que eu vou dar aula em inglês. Isso aqui. Você está entrando agora aqui, você vai ver que não é a nossa realidade. Entendeu? É diferente, é! Não tô falando que todas as redes públicas é assim porque têm muitas escolas que são diferente, mas assim, não tem como eu trabalhar o inglês como Língua Franca. (Rosa. L.40-45)

Sendo assim, tal afirmação coaduna-se aos pressupostos de Oliveira e Lago (2015) que trazem o paradoxo entre a importância e o descaso do ensino-aprendizagem na rede pública. Além do mais, assim como Rosa, Hortência apresenta dificuldade em comunicar-se em LI em sala de aula.

Lili também, por outro lado, traz outro fator para a categoria de *limitação/ dificuldade* que está associado à rotatividade de professores:

Na escola pública, a gente sai de licença, entra outro professor, daqui a dois meses entra outro professor e assim vai indo. No sétimo ano eu não consigo pegar os mês(xxx) mesmos alunos; no oitavo é outro professor; no nono é outro professor. E eu falo que isso ajuda a desmotivar, pra complementar ali de cima, que eu não tinha falado {risos}. (L.249-251)

Yasmim, diferentemente das demais professoras, aponta a questão metodológica pode ser tediosa, porém sem adicionar de forma detalhada sobre o fator que causaria tédio nos alunos no que diz respeito à metodologia em ensinar-se LF: “Ah, acredito que o ensino do inglês somente como língua franca seria muito ‘maçante’, e os alunos poderiam perder o interesse de alguma forma.” (L. 302-304).

Diante do que foi apresentado pelas professoras, evidenciamos uma lacuna nas abordagens metodológicas, destinadas ao ensino de LI. Diante desta perspectiva, Warschauer (2000) alerta para o fato de que os professores de ILF precisam reavaliar a forma como concebem língua e cultura considerando suas implicações diárias.

Somente Hortência obteve a categoria de *ausência de desvantagem*. Segundo a professora, não há nenhum aspecto negativo ou desvantajoso para o ensino de ILF: “Agora, os pontos negativos, num sei se teria algo tão, de tão ruim nisso tudo. Não encontro nenhum ponto negativo de ensinar inglês como Língua Franca.” (L.145-147).

Na categoria *Vantagem/ Importância*, as docentes apresentam as seguintes informações: “Eu acho que, nossa, seria uma maravilha se eu pudesse chegar, dar minha aula em inglês, falar

com eles, conversar com eles; eles, ter o retorno deles, o interesse deles.” (Rosa L.49). “Eu acho que é importante, eu acho que é uma forma de você mostrar pra o aluno que o inglês não tem como você fugir.” (Hortência. L.122-123) Diante disso, as palavras de Gimenez (2001, p.296) expressam a magnitude alcançada pela LI nos dias de hoje: “o inglês não é apenas uma língua internacional, mas a língua da galáxia, e caso ignoremo-no, poderemos nos sentir como seres de outro planeta”.

Outras vantagens surgem no que tange a ações governamentais, como no excerto a seguir:

(...) o governo traz algum programa como os Jovens Embaixadores que é um programa do governo do estado, que a gente incentiva, mostra a importância (...) informática, né, da internet; a questão de músicas que eles gostam muito de música, até pra um mestrado, eles precisam fazer uma prova de proficiência.” (Hortência, L.153; L.103).

No que diz respeito à categoria fonte de conhecimento, Hortência e Yasmim obtiveram a informação sobre ILF no meio acadêmico: “Na, na faculdade. Na faculdade há bastante tempo que eu me formei, mas a gente já ouvia falar bastante do inglês como Língua Franca.” (Hortência, L. 110-111); “Ah, essa informação eu obtive na faculdade.” (Yasmim, L. 284). Lili obteve por meio de conhecimento didático relacionado ao ensino de LI: “Nos livros de inglês mesmo quando eu trabalhava na, na X {nome da escola suprimido} no material do Positivo, que a gente trabalhava assim, quais, é, as línguas mais falada pelo mundo?”. (L.191-193). Enquanto Rosa, obteve pelo meio virtual, ou seja pela internet: “Ah, mais assim na internet (...) às vezes em pesquisa, alguma coisa que eu vou ler.” (L.27).

Após a análise de cada categoria obtida pelos dados, passamos para as considerações finais deste estudo.

Considerações finais

No decorrer deste artigo, procuramos elucidar algumas discussões em torno da percepção de professores sobre o ensino de LF, investigando suas percepções na rede pública do município de Sertanópolis.

Diante disso, obtivemos algumas respostas para as perguntas de pesquisa deste artigo: Que percepção os professores de Língua Inglesa da rede estadual possuem sobre Inglês como Língua Franca? e Que papel a LI desempenha no contexto educacional de Sertanópolis? As respostas obtidas denotam que há uma carência de conhecimento no que concerne a LF por parte

dos professores. Também pudemos perceber que o papel da LI em Sertanópolis não apresenta um desempenho satisfatório devido à dificuldade metodológica apresentada pelas professoras e também no que diz respeito a salas numerosas e a falta de interesse por boa parte dos alunos, além da rotatividade de professores no decorrer dos anos letivos. Considerando que cada professor possui uma particularidade didática, muitas vezes não satisfatória para o ensino de LI, também levando em consideração a falta de proficiência dos alunos, não permitindo que o professor ministre as aulas plenamente LI (quando esse possui fluência).

Além das perguntas satisfatoriamente respondidas, ressaltamos que também pudemos atingir os objetivos previamente delimitados para fins desta investigação.

A partir disso, no processo de coleta de dados e da análise de dados, além de uma pesquisa feita em fontes como Google acadêmico, periódicos da CAPES, entre outros, notamos que há uma lacuna de informação sobre tal temática e que pouco tem sido investigado sobre o assunto em questão e que há muita coisa a ser investigada para o desenvolvimento e enriquecimento da literatura da área.

Dessa maneira, nota-se que já se escuta falar sobre a concepção de LF dentro das universidades, percebemos que o assunto já tem se disseminado no meio acadêmico há algum tempo de acordo com as afirmações das professoras. Também evidenciamos que alguns livros didáticos já trazem o assunto à tona, assim como é comentado na afirmação de uma das professoras sobre a fonte de conhecimento de LF, mesmo que não se tenha informação do grau de profundidade da informação sobre LF que tais materiais trazem.

Sendo assim, a presente pesquisa pode contribuir com algumas informações relevantes sobre a temática e também contribuir de maneira significativa para futuras pesquisas na área, considerando que há muito mais a ser explorado.

Referências

- BARBOSA, S. C. T. *Identidade profissional de professores e desafios contemporâneos no ensino de inglês em cursos de idiomas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006. 132 p.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Persona, 1977.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC, 1998.
- CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. Cambridge: CUP, 2003.
- CRYSTAL, D. *English: The global language*. London: UK: The US English Foundation, 1996.
- CORADIM, J. N. *Leitura Crítica e Letramento Crítico: Idealizações, desejos ou (im)possibilidades?* 2008, 122 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

- EL KADRI, M. S. *Atitudes sobre o estatuto do inglês como língua franca em um curso de formação inicial de professores*. 2010. 152 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- GIMENEZ, T. EST and ELT: teaching a world language. *ELT Journal*, Oxford University Press, v.55, n.1, July 2001.
- GRADDOL, D. *English Next: Why global English may mean the end of English as a foreign language*, 2006. Available at: www.britishcouncil.org/learning-research>. Retrieved: 2 Jul. 2010.
- GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. *Inglês como Língua Franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas: Pontes Editores, 2001.
- JENKINS, J. The Phonology of English as an International Language. OUP, 2000. _____ Current Perspectives on teaching World Englishes and English as Língua Franca. *TESOL Quarterly*, v. 40, n.1, p. 157-181, 2006.
- KACHURU, B. B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. In: QUIRK, R; WIDDOWSON, H. (Org.) *English in the world: teaching and learning literatures*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985. p. 11-30.
- _____. *The Alchemy of English: the spread, models and function of non-native English*. Oxford, UK: Pergamon Press, 1990.
- _____. Teaching World Englishes. In: KACHURU, B. B. (Ed). *The other tongue: English across cultures*. Urbana / Chicago: University Press of Illinois, 1992. P. 355-365.
- KALVA, J. M. *Identidade Nacional e Língua Franca: negociações no processo de ensino e aprendizagem*. Ponta Grossa, 2012
- KALVA, M. Julia; FERREIRA, J. A. Ensino de inglês como língua franca e a identidade nacional: refletindo sobre a formação de professores. *TRAVESSIA ED. XI*. Ponta Grossa, 2012.
- OLIVEIRA, G. V.; LAGO, A, N. O renaform enquanto *locus* de formação de professores de língua inglesa – um estudo de caso. Campinas, n(54.1): 183-205, jan./jun. 2015.
- PEDERSON, M. English as a língua franca, World Englishes and cultural awareness in the classroom: a North American perspective. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (orgs). *Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas, SP: Pontes, 2011.
- SANTOS, J. *inglês: uma língua de prestígio e fracasso*. 2011. 17f. Monografia (para obtenção do título de especialista) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristovão, 2011.
- SIQUEIRA, D. S. P. Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. InL: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. *Inglês como Língua Franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas, SP. Pontes Editores, 2001 p. 87-115.
- REIS, S. *Da percepção ao pensamento crítico: análises multimodais em leituras resistentes do cotidiano*. Campinas: Pontes, 2015.
- _____. *Learning to Teach Reading in English as a Foreign Language: an interpretative study of teacher's cognition and action*. 2005, 268fls. Tese (Doutorado em Ciências Sociais. Radboud University Nijmegen, Nijmegen, 2005.
- RAJAGAPOLAN, K. The concept of 'World English' and its implications for ELT. *ELT Journal*, Oxford University Press, v.58, p.111-117, April 2004.
- RUBDY, R.; SARACENI, M. (Ed.) *English in the world: Global Rules, Global Roles*. London/ New York: Continuum, 2006.
- SENEFONTE, F. H. R. *Puro x Impuro / Sagrado x Profano: Percepções de Professores sobre Gírias nas Aulas de Inglês*. 2014. 171 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.
- VIÉGAS, M. R. *Inglês como língua internacional e o papel do falante nativo nos cursos de Idiomas em Porto alegre*. 2012. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

WASCHAUER, M. *The changing global economy and the future of English teaching*. *TESOL Quarterly*, v.34, n.3, p. 511-535, Autumn, 2000.

Chegou em: 01/08/2016

Aceito em: 21/10/2016

Apêndice A: termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor (a):

Por meio deste termo, o Sr (a) está sendo convidado (a) a participar de minha pesquisa qualitativa sobre a seguinte temática: “*Percepções de professores sobre o ensino de inglês como Língua Franca*”



Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Lei nº 15.300 – D.O.E. nº 7.320, de 28 de setembro de 2006

CNPJ 08.885.100/0001-54

CENTRO DE LETRAS, COMUNICAÇÃO E ARTES

Curso de Letras Inglês-Português

em Sertanópolis- PR. Tal pesquisa vincula-se à Universidade Estadual do Norte do Paraná- câmpus Cornélio Procópio.

A pesquisa está prevista a ser realizada entre o final de 2015 e início de 2016, tendo seu término e divulgação em meados de 2016.

A presente pesquisa visa investigar as percepções acerca do ensino de língua inglesa como Língua Franca na rede pública nas séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio do município de Sertanópolis- PR.

Após a aceitação deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sua participação, será de um, entre os quatro professores das séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, através de uma pesquisa semiestruturada de 8 perguntas gravada em áudio.

Para a análise e divulgação desta pesquisa, sob as recomendações éticas, sua identidade será preservada através do uso de pseudônimos, sendo mantida em sigilo em todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa.

Sua participação é voluntária e lhe é dado o direito de recusar-se responder qualquer pergunta seja por quaisquer motivos, como desistir da pesquisa e retirar seu consentimento desta a qualquer momento. Também lhe será dado o direito de receber todos os dados referentes a esta pesquisa, assim, solicitamos seus dados de contato (telefone, e-mail, endereço).

Desde o presente momento é informado que não haverá nenhum custo ou despesa de qualquer natureza por parte do participante. Sua contribuição será para o enriquecimento da literatura na área supracitada, ajudando os docentes de língua inglesa a refletirem sobre suas práticas de ensino de língua inglesa como Língua Franca em sala de aula. Desde já, agradecemos sua participação.

Diego Balzanello
(Pesquisador 1)

Fábio Henrique Rosa Senefonte
(Pesquisador 2)

Sertanópolis-Pr, ____ de _____ de ____.

Eu, _____, portador do RG
nº _____, declaro estar ciente e de acordo com o teor deste documento, bem co-
mo atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclareci-
do.

Participante da pesquisa

Apêndice B: questionário

Questionário

Ao Professor

1- Quanto tempo você exerce a docência ?

2- Qual é a sua formação/ titulação? Em que temas desenvolveu seu TCC na graduação/
pós-graduação?

3- Em que séries atua na escola?

Apêndice C: Instrumento de coleta de dados (roteiro de entrevista)



Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Lei nº 15.300 – D.O.E. nº 7.320, de 28 de setembro de 2006
CNPJ 08.885.100/0001-54
CENTRO DE LETRAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
Curso de Letras Inglês-Português

Roteiro de entrevista a professores sobre suas percepções acerca do ensino de inglês co- mo Língua Franca.

1. Onde você aprendeu inglês ?

2. Há quanto tempo você utiliza a Língua Inglesa? Como você classificaria seu nível de fluência na língua?
3. Em sua opinião, que papel a Língua Inglesa desempenha no contexto educacional de Sertanópolis?
4. Você conhece ou já ouviu falar sobre Inglês como Língua Franca? Se sim, onde obteve esta informação?
5. Na sua percepção, o que seria o Inglês como Língua Franca? Explique.
6. Qual é o seu posicionamento sobre o ensino de Língua Franca?
7. Em sua opinião, quais seriam os pontos positivos e negativos de se ensinar Inglês como língua Franca no contexto educacional sertanopolense?
8. Quais seriam suas considerações finais sobre o assunto? Alguma pergunta, sugestão ou comentário? Algo a acrescentar?

Apêndice D: Transcrições.

Transcrição da Entrevista- Rosa

<p>Local: Escola Estadual “A” Início e Término: 10h02m – 10h07m Data: 04/11/2015 Duração: 5m48s</p>

- 1 **Pesquisador:** [00:00] Bom dia Rosa, tudo bom ?
2 **Rosa:** [00:01]. (xxxx) dia.
3 **Pesquisador:** [00:02] Tudo bom ?
4 **Rosa:** [00:03] Tudo joia.
5 **Pesquisador:** [00:04] Tá, vamos começar a nossa entrevista. Rosa, aonde você aprendeu inglês ?
6 **Rosa:** [00:08] Bom, eu fiz AWA { nome do instituto suprimido} em Apucarana, eu morava lá,
7 depois um pouco na faculdade, mas na faculdade quase a gente não aprende inglês, né (...)
8 **Pesquisador:** [00:23] Entendi. A quanto tempo você utiliza a língua inglesa ?
9 **Rosa:** [00:30] Que eu leciono, faz quinze anos, mas dentro do meu ambiente de trabalho, minha
10 dificuldade é falar, usar o inglês fluentemente na escola.
11 **Pesquisador:** [00:45] É(...) Como você classificaria seu nível de fluência na língua ?
12 **Rosa:** [00:53] Poderia ser melhor, se eu praticasse mais, mas como a gente se limita muito no
13 ens(xxx) na rede pública, é (...) a gente acaba perdendo, né (..)
14 **Pesquisador:** [01:04] Em sua opinião, que papel a Língua Inglesa desempenha no contexto edu-
15 cacional de Sertanópolis ?
16 **Rosa:** [01:13] Eu acho que deveria de ser mais aproveitável o inglês aqui, porque eu vejo assim(..)
17 é muita (...) déficit muito grande de alunos e até pais interessados em colocar o seu filho pra estu-
18 dar uma outra língua. Eu acho muito (xxx) eu acho que eu vejo assim muito desinteresse (...) não
19 sei se é a cultura, não sei o que que é (...) É uma pena, né ?
20 **Pesquisador:** [01:41] Você conhece ou já ouviu falar sobre Inglês como Língua Franca ?
21 **Rosa:** [01:47] Já escutei falar.
22 **Pesquisador:** [01:49] Aonde você obteve esta informação ?
23 **Rosa:** [01:53] Ah, mais assim na internet (...) as vezes em pesquisa, alguma coisa que eu vou ler.
24 **Pesquisador:** [02:02] Na sua percepção, o que seria o Inglês como Língua Franca ? Explique.
25 **Rosa:** [02:08] Hum (...) como eu vou explicar o inglês ? (...) Ah (...) ter o inglês como uma língua
26 franca é (...) materna, tentar usar o inglês, né? No nosso dia-a-dia, mas assim que eu acho que no
27 nosso contexto não seria possível hoje entendeu ? mas assim, eu acho que o inglês como Língua
28 Franca, uma língua materna é tudo de bom, né ? Pena que a gente não possa explorar isso aqui
29 agora.
30 **Pesquisador:** [02:57] Qual é o seu posicionamento sobre o ensino de inglês como Língua Fran-
31 ca?
32 **Rosa:** [03:05] Ah, como eu falei né, Diego ? Eu tem(xxx) queria muito, sabe (..) se o fluente, tan-
33 to que eu gostei, eu faço inglês, né, a gente já tá praticando, né ? Mas assim, eu não posso praticar
34 isso aqui. As vezes sim, uma palavrinha ou outra, mastigar e falar que eu vou falar fluente com os
35 alunos, que eu vou dar aula em inglês. Isso aqui. Você está entrando agora aqui, você vai ver que
36 não é a nossa realidade. Entendeu ? É diferente, é! Não tô falando que todas as redes públicas é
37 assim porque têm muitas escolas que são diferente, mas assim, não tem como eu trabalhar o in-
38 glês como Língua Franca. Então, não tem como eu praticar isso aqui agora, agora, né ?
39 **Pesquisador:** [03:49] Em sua opinião, quais seriam os pontos positivos e negativos de se ensinar
40 inglês como Língua Franca no contexto educacional sertanopolense ?

- 41 **Rosa:** [04:01] Positivos todos. Eu acho que, nossa, seria uma maravilha se eu pudesse chegar, dar
 42 minha aula em inglês, falar com eles, conversar com eles; eles, ter o retorno deles, o interesse
 43 deles. Mas o que a gente fala (xxx) assim, ah, eu mal sei o português, vou saber o inglês. Isso aí é
 44 uma (..) é um bordão de todas as salas que a gente entra pra dar aula, tá ? Negativo, eu num, eu
 45 não consigo ver um ponto negativo em, em ensinar o inglês. Só sim, o desinteresse deles mesmo.
 46 Tem alunos que é uma, nossa, é uma graça, eles querem, eles procuram muito em jogos, internet.
 47 Mas assim, é dez por cento de uma sala, que você infelizmente não pode deixar de trabalhar esses
 48 dez por cento e deixar os noventa por cento, entendeu ? Então, eu não vejo ponto negativo.
 49 Queria não ver, entendeu ? Mas (...)
- 50 **Pesquisador:** [04:45] Quais seriam suas considerações finais sobre o assunto. Alguma pergunta,
 51 sugestão ou comentário ?
- 52 **Rosa:** [04:54] Hum (...) Eu acho que não tem muito que acrescentar não. Só falar que é interes-
 53 sante o trabalho que você está fazendo porque são poucas as oportunidades que a gente tem pra
 54 falar, né ? Pra se expressar, né ? E é interessante a pessoa é (..) buscar isso aí, tentar trabalhar a
 55 Língua Franca, trabalhar o inglês. Acho legal.
- 56 **Pesquisador:** [05:56] Ok. Rosa, obrigado pela sua participação. Será de extrema relevância pra
 57 literatura e para o aprofundamento do assunto em si.

Transcrição da Entrevista- Hortência

Local: Escola Estadual “B”
Início e Término: 11h31m – 11h38m
Data: 06/11/2015
Duração: 6m52s

- 58 **Pesquisador:** [00:00] Bom dia
- 59 **Hortência:** [00:01] Bom dia.
- 60 **Pesquisador:** [00:03] Aonde você aprendeu o inglês
- 61 **Hortência:** [00:05] Aprendi na escola, primeiro no ensino fundamental, e depois quando fui para
 62 a faculdade, né ? E também fiz um curso de línguas particular.
- 63 **Pesquisador:** [00:15] A quanto você utiliza a língua inglesa ?
- 64 **Hortência:** [00:18] Desde que comecei a trabalhar. Há vinte anos.
- 65 **Pesquisador:** [00:23] Como você classificaria seu nível de fluência na língua ?
- 66 **Hortência:** [00:27] A minha fluência na língua, eu acredito que ela seja intermediária pro avança-
 67 do. Que é assim, a parte oral, na escola pública a gente, assim, fica um pouco difícil, se (..) assim,
 68 se habituar com ela e tentar trabalhar com os alunos. É um pouco complicado, mas eu consigo
 69 assim, vou considerar o avançado.
- 70 **Pesquisador:** [00:49] Por que seria complicado ?
- 71 **Hortência:** [00:52] Porque as salas são numerosas, né ? E você tem, assim, alunos que querem
 72 aprender o inglês e alunos que não querem. Então aqueles que não querem, eles acabam atrapa-
 73 lhando a questão da oralidade da língua. As vezes um *listening* você até consegue fazer, mas a ex-
 74 plicação toda em inglês é bem complicada. Você tem que ficar traduzindo porque uns não que-
 75 rem outros não entendem. Então, eu (..) a minha maior dificuldade que eu sinto é em relação a
 76 oralidade mesmo.
- 77 **Pesquisador:** [01:22] É (..) em sua opinião, que papel a língua inglesa desempenha no contexto
 78 educacional de Sertanópolis ?
- 79 **Hortência:** [01:28] Bem, no nosso município, o ensino de língua não é muito valorizado pelos
 80 pais, pela família. Então a gente percebe assim, que não há um incentivo em relação ao porquê eu
 81 vou aprender uma língua estrangeira, que seja no caso o inglês do que estamos falando. Então,
 82 nós, professores, nós incentivamos o aprendizado da língua, mas assim, a gente encontra muitas
 83 barreiras, mas a gente insiste. Acho que a gente é assim, ainda pensa que vai melhorar. As vezes o
 84 governo traz algum programa como os Jovens Embaixadores que é um programa do governo do

85 estado, que a gente incentiva, mostra a importância, mas é (..) é difícil a gente, a gente (..) as vezes
86 esbarra em algumas coisas.

87 **Pesquisador:** [02:11] Quais seriam essas coisas ?

88 **Hortência:** [02:13] Em relação principalmente ao incentivo, quer dizer, eu vou usar inglês para
89 quê ? Vou fazer o quê com ele ? Eu não vou pra fora do país, professora. Vou usar pra que, isso ?
90 É aí, a gente tenta buscar a questão da informática, né, da internet; a questão de músicas que eles
91 gostam muito de música, então o que que tá falando a música, então vamos aprender a pronunciar
92 direito, tal. Mas a gente assim, não consegue atingir tudo aquilo que você gostaria.

93 **Pesquisador:** [02:40] É (..), você conhece ou já ouviu falar sobre Inglês como Língua Franca ?

94 **Hortência:** [02:45] Já, já ouvi falar.

95 **Pesquisador:** [02:46] Onde você obteve esta informação ?

96 **Hortência:** [02:48] Na, na faculdade. Na faculdade há bastante tempo que eu me formei, mas a
97 gente já ouvia falar bastante do inglês como Língua Franca.

98 **Pesquisador:** [02:55] É, na sua percepção o que seria o inglês como Língua Franca ?

99 **Hortência:** [02:59] O inglês como Língua Fran(xxx) Franca é língua utilizada pra as negociações
100 em relação a questão da globalização, porque dentro da (..) da nossa história de língua que a gen-
101 te, né, aprende, toda a trajetória. A gente sabe que antes era o francês. E depois que devido a
102 questão dos Estados Unidos virar uma grande potência, ele acabou tomando conta junto com a
103 Inglaterra, e acabou transformando em inglês como Língua Franca, a língua global na questão da,
104 das negociações.

105 **Pesquisador:** [03:31] Qual é o seu posicionamento sobre o ensino de Língua Franca ?

106 **Hortência:** [03:35] Eu acho que é importante, eu acho que é uma forma de você mostrar pra o
107 aluno que o inglês não tem como você fugir. Hoje mesmo a menina perguntou “por que a gente
108 não aprende o espanhol ?”. Aí eu disse pra ela, “ porque o espanhol não é a nossa realidade, o
109 espanhol é realidade nos países que fazem, na, na (..) nas cidades que fazem fronteiras com os
110 países que falam o espanhol. Pra nós, não é. Pra nós, acaba se tornando o inglês mesmo. Não
111 tem como você colocar o espanhol na grade, nu(xxx) numa aproximação de um país que fala essa
112 língua. E o inglês como Língua Franca, eu acredito que a forma é mais clara, objetiva dele.

113 **Pesquisador:** [04:13] Em sua opinião, qual seria os pontos positivos e negativos de se ensinar
114 inglês como Língua Franca no contexto educacional sertanopolense ?

115 **Hortência:** [04:21] Eu acho que seria muito bom, acho que seria uma forma da gente mostrar
116 pra eles assim, a gente tenta, mas eu acho que seria uma incentivo maior de mostrar pra eles em
117 relação a questão de, de conteúdo pra realidade que o aluno tá vivendo, porque como essa, o uso
118 da internet se tornou um, um grande aliado. Eu acredito porque tudo vem no inglês, né ? Como é
119 mandado pro mundo todo, tudo vem no inglês. Então, eles tiveram que se virar, entendeu? Tive-
120 ram que, professora o que que isso, o que é aquilo. Ou Então buscar mesmo através dos jogos
121 que estão nos videogames terem melhorado muito sua qualidade. Os joguinhos de videogames
122 auxiliam muito na sala de aula pra gente.

123 **Pesquisador:** [05:04] E os pontos positivos assim, os negativos ?

124 **Hortência:** [05:08] Bom, é, as considerações, seria, você quer dizer, assim ? Seria assim, o ponto
125 positivo do, do inglês como Língua Franca seria a questão da aproximação da realidade deles, né
126 ? Agora, os pontos negativos, num sei se teria algo tão, de tão ruim nisso tudo. Não encontro
127 nenhum ponto negativo de ensinar inglês como Língua Franca.

128 **Pesquisador:** [05:32] É(..), e quais seria suas considerações finais sobre o assunto ? Alguma per-
129 gunta, sugestão, comentário?

130 **Hortência:** [05:37] É, eu acho assim que o inglês continua sendo a língua globali(xxx), né, global,
131 que a gente tem que saber, a gente tem que se virar. Porque eu percebo assim, quando os alunos
132 saem daqui e vão para a faculdade, ou talvez até pro um mestrado, eles precisam fazer uma pro-
133 va de proficiência. Então, aí eles começam a entender. Aí você falam “nossa professora, eu não
134 aproveitei quando eu tinha”. Pois é, agora que você tá vendo a necessidade de ter o inglês como
135 uma segunda opção de língua, né, que você tem que saber alguma coisa, né ? O que você escolhia

- 136 o espanhol, também seria algo interessante, mas tem que saber porque os textos que vêm na, na
 137 universidades são muito traduzidos pro inglês pra poder acrescentar os escritores estrangeiros
 138 que têm influência na nossa educação, dentro das áreas das pesquisas. Então, não tem como você
 139 fugir, não tem.
 140 **Pesquisador:** [06:35] Muito obrigado pela sua participação.
 141 **Hortênci:** [06:38] Eu que agradeço, Diego.
 142 **Pesquisador:** [06:39] Vai ser de grande relevância pra, pra o aprofundamento do assunto na área,
 143 e para grande enrique(xxx) enriquecimento da literatura na área.
 144 **Hortênci:** [06:45] Que bom, eu que agradeço ter participado, ter colaborado.

Transcrição da Lili

Local: Escola Estadual “A”
Início e Término: 14:15m – 14h 22m
Data: 06/11/2015
Duração: 07m25s

- 145 **Pesquisador:** [00:00]: Boa tarde.
 146 **Lili:** [00:02] Boa tarde {risos}
 147 **Pesquisador:** [00:02] É(..), onde você aprendeu inglês ?
 148 **Lili:** [00:05] Escola de idioma, na F {nome de instituto de idiomas suprimido}, tinha lá meus
 149 onze aninhos (..) eu comecei.
 150 **Pesquisador:** [00:12] A quanto você utiliza a língua inglesa ?
 151 **Lili:** [00:16] Ah, (xxx) dezenove, vinte e um anos {risos}
 152 **Pesquisador:** [00:22] Como você classificaria seu nível de fluência na língua ?
 153 **Lili:** [00:26] Olha, hoje eu sinto que eu preciso voltar pra conversação porque eu to com muito
 154 sexto ano, mais eu fiz o *TOEFL*, eu tenho fluência, mas eu pre(xxx) pretendo pra não perder
 155 mesmo.
 156 **Pesquisador:** [00:41] Em sua opinião, que papel a língua inglesa desempenha no contexto edu-
 157 cacional de Sertanópolis ?
 158 **Lili:** [00:47] Olha, papel é o que eu tento explicar para eles porque muitos falam assim: “ mas eu
 159 nunca vou viajar pra fora”, “ eu não uso o inglês”, usa! Todo mundo usa inglês. É (xxx) um sexto
 160 ano, a maioria joga joguinhos seja *online* ou seja *playstation*, *x-box*, o que for é inglês, desde um con-
 161 trole remoto, fora que é (...) cada palavrinha que você aprende em inglês, você desenvolve racio-
 162 cínio. Então, imagina uma pessoa que tenha uma fluência numa língua, o tanto que desenvolve
 163 essa parte de raciocínio. Então, é o que eu tento passar para eles, não só se um dia vai viajar para
 164 fora (..). A importância serve para a formação deles mesmo como pessoa.
 165 **Pesquisador:** [01:35] Você conhece ou já ouviu falar sobre inglês como Língua Franca ?
 166 **Lili:** [01:39] SIM.
 167 **Pesquisador:** [01:41] Onde você obteve essa informação ?
 168 **Lili:** [01:42] Nos livros de inglês mesmo quando eu trabalhava na, na X {nome da escola supri-
 169 mido} no material do Positivo, que a gente trabalhava assim, “ quais, é, as línguas mais falada
 170 pelo mundo?”. E aí falava da questão se você viajar pro Japão ou qualquer outro país, você se
 171 comunica em inglês.
 172 **Pesquisador:** [01:59] Na sua percepção, o que seria o inglês como Língua Franca ?
 173 **Lili:** [02:03] Exatamente isso, posso ir pra, vamos ver um país (xxx) Japão, China, qualquer lugar,
 174 se eu não souber falar o japonês, eu (xxx) me comunicaria em inglês. Eles vão (xxx) eles vão me
 175 entender porque lá fora eles valorizam muito mais a língua inglesa do que no Brasil. Eu conversei
 176 com um alemão em inglês, já conversei, não em alemão, em inglês.
 177 **Pesquisador:** [02:32] (xxx), (xxx) na sua percepção é, qual, é qual o seu posicionamento sobre o
 178 ensino de Língua Franca ?

179 **Lili:** [02:44] Qual meu posicionamento ? {pausa} no sentido de passar isso pro aluno ? {pausa} é
 180 que eu falo eu, eu tento, eu passo gráfico pra eles, pra mostrar justamente isso daí, (xxx) a impor-
 181 tância do inglês porque não é. É tanto que eles falam “ por que o inglês na, e não uma outra lín-
 182 gua na escola ?” justamente isso, aí eu tento (xxx) geralmente no começo do ano mostrar pra eles
 183 (xxx) a valorização do inglês mesmo que é mundial, não é só aqui que se ensina inglês, tanto é
 184 que eu conversei, quando eu busquei conversar com pessoas assim, de fora. É (..) na Alemanha,
 185 Europa, assim, eles aprendem inglês na escola mesmo. (xxx) precisa curso de idioma pra isso.
 186 Então, é o que eu tento mostrar pra eles, ó, essa valorização do porquê a gente estuda o inglês e
 187 não outra língua, por justamente ela ser franca.

188 **Pesquisador:** [03:46] Em sua opinião, quais seriam os pontos positivos e negativos de ensinar o
 189 inglês como Língua Franca no contexto educacional sertanopolense ?

190 **Lili:** [03:55] Pontos Positivos ? (...) Ai meu Deus, para mim, todos os pontos são positivos {ri-
 191 sos} {pausa} Olha, vou trabalhar (xxx) nas duas diferenças que tenho, Ensino Fundamental, a
 192 maioria fala que é complicado que não se valoriza. Sexto ano valoriza, são sei porquê se eles estão
 193 mais, mais ligados em jogos, e eles veem dá pra usar no dia-a-dia. Então, o trabalho com o sexto
 194 ano é gostoso, eles ainda mostram interesse, e eles entendem a importância que eles falam: “Ah
 195 professora, tudo na televisão, meu pai me pergunta é em inglês, então, eles veem isso daí, a ques-
 196 tão do uso. Em Ensino Médio, que eu já acho que tem um ponto negativo que eles perdem, eu
 197 não se é porque o ensino se torna fraco e desmotivador mesmo. Sexto ano, eles vêm com aquela
 198 motivação intrínseca, mesmo, eles têm vontade porque eles gostam, porque eles acham interes-
 199 sante mesmo. E eu acho que eles vão perdendo isso daí até chegar no ensino médio que é o que
 200 eu vejo como um ponto negativo. E a falta de vontade é o pior para se aprender inglês, não tem
 201 motivação por querer.

202 **Pesquisador:** [05:18] Por que teria essa falta de vontade, o que seria, o que (xxx) causaria isso ?

203 **Lili:** [05:23] É o que eu fiz a minha especialização.É o que eu fiz a pós-graduação {risos} Sexto
 204 ano, o gráfico dava a maioria, a porcentagem dava noventa por cento que gostam de fazer a lín-
 205 gua inglesa; chegava no sétimo (xxx) já caía para oitenta; no nono ano chegava no cinquenta por
 206 cento. No Ensino Médio é menos de 50 por cento. Então, a maioria aponta por isso daí, porque
 207 a professora não fala inglês na sala de aula, a professora não explica direito, e eles não aguentam
 208 mais aprender o verbo *to be* {risos} esse deu como o aspecto maior pela desmotivação. A gente
 209 não usa aquele verbo *to be*, mas não usa mesmo porque realmente o que eles utilizam é mais di-
 210 nâmico. E o que eu ouvia “ eu aprendo mais nos joguinhos do que eu aprendo nas aulas de in-
 211 glês.

212 **Pesquisador:** [06:17] E quais seriam, então, as suas considerações finais sobre o assunto ? Algu-
 213 ma pergunta, sugestão ou comentário ?

214 **Lili:** [06:27] {risos} É eu falo {risos} eu (xxx) tenho verdadeira adoração mesmo. Eu aprendo
 215 inglês desde os onze anos, então, eu tento passar esse, esse gosto, essa motivação, mas o compli-
 216 cado é que eu falo da escola pública é justamente isso. Quando você trabalha em escola de idio-
 217 ma, você geralmente, você segue com aquele aluno até a formação. Na escola pública, a gente sai
 218 de licença, entra outro professor, daqui a dois meses entra outro professor e assim vai indo. No
 219 sétimo ano eu não consigo pegar os mês(xxx) mesmos alunos; no oitavo é outro professor; no
 220 nono é outro professor. E eu falo que isso ajuda a desmotivar, pra complementar ali de cima, que
 221 eu não tinha falado {risos}.

222 **Pesquisador:** [07:14] Muito obrigado pela sua participação.

223 **Lili:** [07:16] De nada {risos}

224 **Pesquisador:** [07:17] Será de extrema relevância para o enriquecimento da literatura na área e o
 225 aprofundamento também desta.

Transcrição da Yasmim

Local: Escola Estadual “B”

Início e Término: 13h33m – 13h 37m

Data: 11/11/2015

Duração: 04m06s

- 226 **Pesquisador:** [00:00] Testando(..) Boa tarde
- 227 **Yasmim:** [00:03] Boa tarde.
- 228 **Pesquisador:** [00:05] (xxx) Tudo bem ?
- 229 **Yasmim:** [00:07] Bem.
- 230 **Pesquisador:** [00:08] É (...), onde você aprendeu inglês ?
- 231 **Yasmim:** [00:11] Então, o inglês é (..) eu aprendi, na escola, né, como todo mundo. Eu tenho
- 232 inglês no colégio desde o Ensino Fundamental I, na faculdade e também no curso, né, de inglês
- 233 que eu faço até hoje na P {nome de instituto de idiomas suprimido} .
- 234 **Pesquisador:** [00:33] Há quanto tempo você utiliza a língua Inglesa ?
- 235 **Yasmim:** [00:37] Utilização mesmo da língua inglesa, que eu passei a utilizar assim, vamos dizer
- 236 todos os dias, é após eu começar a dar aula. Então seria quatro anos pra cá. (xxx) antes eu utiliza-
- 237 va ela somente como estudo mesmo, que a gente estuda, mas não via nada além disso, mas (xxx)
- 238 no colégio mesmo e agora no caso.
- 239 **Pesquisador:** [01:02] Como você classificaria seu nível de fluência na língua ?
- 240 **Yasmim:** [01:06] O nível de fluência ? Eu classificaria como intermediário {risos}
- 241 **Pesquisador:** [01:12] Em sua opinião, que papel a língua inglesa desempenha no contexto edu-
- 242 cacional de Sertanópolis ?
- 243 **Yasmim:** [01:19] No contexto educacional. Bom, eu acredito que aqui em Sertanópolis tem al-
- 244 gumas empresas que, que fazem o uso, né, da(..) língua inglesa por questões comerciais. Então, eu
- 245 acredito que os alunos que têm facilidade com essa língua e que buscam além do colégio, fazem
- 246 cursos fora. Eu acho que eles têm mais facilidades em conseguir empregos melhores, com uma
- 247 melhor remuneração.
- 248 **Pesquisador:** [01:52] Você já conhece ou já ouviu falar do inglês como Língua Franca ?
- 249 **Yasmim:** [01:57] SIM.
- 250 **Pesquisador:** [01:58] Onde você obteve esta informação ?
- 251 **Yasmim:** [01:59]. Ah, essa informação eu obtive na faculdade.
- 252 **Pesquisador:** [02:04] Na sua percepção, o que seria o inglês como Língua Franca ?
- 253 **Yasmim:** [02:07] O inglês como Língua Franca, se eu não estou enganada, seria o inglês como
- 254 um meio de comunicação para questões comerciais, fins comerciais (..) acredito que seja isso.
- 255 **Pesquisador:** [02:24] Qual é o seu posicionamento sobre o ensino de Língua Franca ?
- 256 **Yasmim:** [02:29] Bom, eu acredito que é(..), o inglês é sim uma língua muito importante no meio
- 257 em que a gente está inserido e (xxx) que o seu ensino, ele é, até mesmo seu aprendizado contribui
- 258 muito para a formação de bons profissionais que podem atuar de forma diferenciada no mercado
- 259 de trabalho.
- 260 **Pesquisador:** [02:53] Ah (xxx) em sua opinião, quais seriam os pontos positivos e negativos de
- 261 se ensinar o inglês como Língua Franca no contexto educacional sertanopolense ?
- 262 **Yasmim:** [03:06] Bom, eu acredito que têm vários pontos positivos por causa das empresas que
- 263 atuam aqui no, em Sertanópolis, que essas empresas utilizam mesmo pra fins comerciais. Eu
- 264 acredito que só tenha pontos positivos nessa parte.
- 265 **Pesquisador:** [03:27] Nenhum negativo ?
- 266 **Yasmim:** [03:29] Negativo ? Ah, acredito que o ensino do inglês somente como língua franca
- 267 seria muito maçante, e os alunos poderiam perder o interesse de alguma forma.
- 268 **Pesquisador:** [03:44] Quais seriam suas considerações finais sobre o assunto ? Alguma pergunta,
- 269 sugestão ou comentário ?
- 270 **Yasmim:** [03:49] Não, nada {risos}
- 271 **Pesquisador:** [03:50] Nada ?
- 272 **Yasmim:** [03:51] Nenhuma consideração final {risos}

273 **Pesquisador:** [03:52] Nada a acrescentar ?

274 **Yasmim:** [03:54] Nada a acrescentar! {risos}

275 **Pesquisador:** [03:55] Ok. Então, muito obrigado pela sua participação. Será de grande enriquecimento da literatura e aprofundamento da área.

276